

"Intraduzibilidade, canibalização. Liminaridade, dispersão. Nicanor Parra em Portugal"

Reportaje a Bruno Ministro

- 1- ¿Por qué traducir Nicanor Parra en Portugal?, y en este sentido ¿considera que esas traducciones abren un diálogo al interior de la poesía portuguesa? ¿Un diálogo con la tradición, con ciertos poetas ya canónicos de Portugal o un diálogo con poetas contemporáneos, recientes?**

A razão principal para traduzir Nicanor Parra para português é relativamente simple de enunciar: traduzi porque não está traduzido. E é necessário. Isto implica, naturalmente, uma segunda e complexa ordem de factores. Por um lado, considero desde logo que não haver um único livro de Parra publicado em Portugal é uma lacuna no sistema literário, na recepção e na compreensão da poesia do século XX. Tanto mais que, como bem se sugere na pergunta, há em Parra diálogos, no plural, com vários poetas, momentos e expressões da poesia portuguesa. Apenas para enumerar alguns, pense-se em certo tipo de afinidades com os surrealistas portugueses – movimento tardio no país (eclode a partir de 1947) e, até por conta disso, marcadamente divergente em relação à matriz surrealista bretoniana. Evoco aqui a proposta de Mário Cesariny de “reabilitação do real quotidiano”, a qual dá título a um dos primeiros livros (1952) deste que foi o mais destacado surrealista português, expressão essa também usada para dar nome a vários poemas da sua lavra e que, sobretudo, surgem de forma transversal na sua obra como uma proposta visceral de construção da poesia pela vindicação da arte como vida. Refira-se também a ligação dialogante com a poesia experimental portuguesa (que desponta a partir dos anos 60), presente nomeadamente na expressividade formal dos artefactos de Parra e, de igual modo, em alguns dos seus poemas que fazem uso da espacialização do espaço gráfico da página como elemento significativo de investigação intersignica. Por outro lado, há ainda que ter em conta o vaso comunicante que Nicanor Parra parece estabelecer com alguma da poesia portuguesa mais recente, nomeadamente aquela que se convencionou denominar como “poesia do quotidiano” (a partir dos anos 70), e que é grosso modo marcada pela recuperação de esquemas discursivos numa aproximação à fala, bem como por uma certa desestabilização dos elementos poéticos convencionais, contudo situando-se nas proximidades de uma concepção de poesia que tem ainda o sujeito como

elemento central (também como em certo Parra). Parece-me, portanto, muito interessante notar como Nicanor Parra poderia ser em Portugal uma figura matricial para vários poetas, momentos e estéticas ou não fosse o facto de o poeta chileno não se encontrar traduzido e divulgado em Portugal. Acho muito curioso. Talvez haja algo maior na influência da escrita que não passe somente pela influência da leitura. Ainda assim, traduzir Parra e dá-lo a ler em Portugal sempre se me afigurou como uma necessidade para melhor compreender a nossa poesia e, através dela, o nosso tempo.

2- Hay traducciones al portugués, en Brasil (Joana Barossi, Carlito Azevedo, Carlos Nejar, entre otros) de la poesía de Nicanor Parra. ¿Ha establecido algún contacto con esos traductores o tomado en cuenta sus traducciones?

As traduções de Parra permitem traçar uma cartografia muito interessante. No Brasil, Juvenaldo Neto foi o primeiro a traduzir poemas seus, em 1981, para a revista *Pirâmide*, projeto da responsabilidade do próprio poeta e jornalista, apenas seguido por Carlos Nejar já em 2009, para o livro *Nicanor Parra e Vinicius de Moraes*. É enorme o fosso temporal que os separa. Ambos traduzem breves seleções de anti-poemas. Trabalhos académicos recentes (João Gabriel Mostazo Lopes, 2015; Mary Anne Sobottka, 2016) produzem uma leitura contrastiva destas traduções, fornecendo novas iterações a partir de críticas muito relevantes. Em Portugal, o cenário é ainda mais desértico. Jorge de Sena, figura de relevo da cultura portuguesa, traduziu Parra para a sua antologia *Poesia do século XX: de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo* (Inova, 1978), na qual figuram quatro poemas do chileno. Mais tarde, um poema de Parra aparece também em *Rosa do Mundo: 2001 poemas para o futuro* (Assírio & Alvim, 2001), com organização de Manuela Correia, direção editorial de Manuel Hermínio Monteiro e tradução a cargo de José Bento, o mais destacado tradutor do espanhol em Portugal. Contudo, aquele que se pode dizer ser o marco mais expressivo da tradução de Parra em Portugal é bem mais recente. Em 2015, publica-se com o título *Acho Que Vou Morrer de Poesia*, uma plaquete com selecção de poemas de Nicanor Parra em tradução de Miguel Filipe Mochila. São 60 páginas, como sugere o subtítulo *Antologia Breve*, numa tiragem reduzida, como é apanágio da editora Língua Morta. Para que se veja, é uma tiragem tão reduzida que a obra esgotou rapidamente e nem eu tenho um exemplar. Seria importante re-publicar ou re-editar expandindo.

É muito interessante constatar como Parra até foi lido, mas sempre diretamente do espanhol. Hoje é esse o cenário. Sei, por conhecimento próprio, que há várias pessoas que conhecem e se interessam pela sua anti-poesia. Leem-na em espanhol. No Brasil, também Carlito Azevedo, ligado à poesia e literatura contemporâneas, e António Miranda, muito ligado ao pós-concretismo e à experimentação visual, traduziram alguns poemas de Parra. Miranda tomou também a dianteira na divulgação da sua obra através da organização de uma palestra dedicada a Nicanor Parra, realizada na Universidade de Brasília por ocasião do centenário do autor. Nesse mesmo ano de 2014, no Porto, realizou-se o II Encontro Português de Literaturas Ibero-Americanas, evento organizado pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa em parceria com a Casa da América Latina. Comemorou-se, nessa ocasião servindo de tema, o centenário do nascimento de Adolfo Bioy Casares, Julio Cortázar, Octavio Paz e Nicanor Parra (o único vivo à época). Imagine-se só, no primeiro ano da Guerra Mundial, a América Latina deu ao mundo quatro autores desta envergadura. No evento foi exibido o documentário de Guillermo Cahn, fazendo parte do programa somente uma apresentação relacionada com o poeta chileno, tendo Silvia Donoso Hiriart elaborado uma análise comparativa com a obra de Manuel Rojas.¹

Para além das antologias com tradução de Sena e Bento e da plaquete organizada por Mochila, refira-se ainda, com novo fôlego, uma nova geração de tradutores, poetas e investigadores (às vezes todas as categorias numa só pessoa) que têm traduzido nos últimos anos Parra para português. A cartografia, não sendo ampla, tem-se intensificado nos últimos anos.²

Vejo estes novos diálogos com muito interesse. Procuro conhecer, estabelecer diálogo, pensar em relação. Não contactei, de facto, nenhum dos tradutores e tradutoras do Brasil nem de Portugal. Pelo menos não o fiz pessoalmente, enquanto contacto direto. Porque o contacto com as suas traduções, esse sim, faço questão de que faça parte do meu próprio processo de tradução. Tomei e tomo ainda a iniciativa de respigar todas as traduções que possa encontrar.

¹ Esta comunicação deu origem ao artigo que pode ser encontrado em: <http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/262>

² Além das já mencionadas traduções de Miguel Filipe Mochila, a título ilustrativo e porque interessa dar conta deste movimento de leitura, tradução e divulgação, muitas vezes através da internet, refiram-se: Henrique Manuel Bento Fialho (2008), tradução de 5 poemas publicados na revista *Diversos* n.º 12, aparecendo alguns textos também no seu blogue pessoal; António Matos (2009-2017), tradução de 17 poemas publicados em blogue entre as datas mencionadas; Bruno Ministro (2015), 6 poemas publicados na revista *Enfermaria*6 e um outro no sítio web *Escorrer*; Patrícia Lino (2017), tradução de 15 poemas editados na revista *eLyra*, n.º 9; António Cabrita (2018), 8 poemas publicados na revista *Caliban*. Um movimento semelhante também está a acontecer no Brasil, embora, por motivos de espaço, não o liste aqui.

Por norma, num primeiro momento, lanço-me na tradução direta dos poemas de Parra, e, num segundo momento, leio atentamente as traduções realizadas por outros tradutores. Isto aplica-se, ainda assim, apenas a um pequeno conjunto restrito de poemas que já estão de facto traduzidos. Como Parra, que nunca foi autor de nada, também eu não sou tradutor de nada. Pescamos sempre coisas que andam pelo ar (e eu acabei de pescar esta frase de Parra). Vejo a tradução como uma canibalização do texto original mas também das traduções que precederam a minha. Sigo, aqui, a noção da tradução enquanto movimento de devoração e transcrição, tal como sustentado pelo concretista brasileiro Haroldo de Campos.³ Parra diz-nos da sua poesia e eu, citando-o, digo da minha posição ao traduzir os seus poemas: “Mi posición es ésta:/el poeta no cumple su palabra/ Si no cambia los nombres de las cosas.”

As traduções de Parra para português existem, embora dispersas, lacunares, incompletas. Mas, diga-se, falando de Nicanor Parra a verdade é que não sei bem o que poderia querer dizer “completas”, se até ele teve a sua obra reunida sob a irónica forma de *Obras Completas & algo +*. E, digo +, qual é mesmo o antónimo de “dispersão” ou de “lacuna”? Não sei, mas a Parra não se aplica certamente nenhum deles. Está de braços abertos tanto à lacuna como à dispersão, reinventando a negatividade de tais expressões. De todas as formas, como percebemos pelo cenário traçado, em língua portuguesa tudo isto acontece de forma tardia e espartilhada. Uma divulgação ampla parece ter começado apenas agora. Dada a extensão e relevância da obra de Nicanor Parra, é muito pouco para já. Veremos o que acontece. No cenário mais imediato, aguardo com expectativa a publicação, no Brasil, da antologia com traduções de Joana Barossi.

3- ¿Qué preside la selección de poemas traducidos de Nicanor Parra? ¿Se trata sólo del gusto personal o podría pensarse en un gesto poético propio, colectivo?

As traduções que realizei de poemas de Nicanor Parra são uma experiência. Tudo o é. Embora até ao momento apenas tenha publicado uma breve seleção de seis poemas, na revista em linha *Enfermaria6*, e um outro no sítio web *Escorrer*, especificamente dedicado à tradução de poesia, tenho próximo do seu estado final dois livros na íntegra, *Poemas y Antipoemas* e *Hojas de Parra*, mas também o seu Manifesto de 1963 e alguns poemas soltos de outros livros (*Versos de Salón* e *Obra Gruesa*, por exemplo). Fiz eu próprio a seleção e proposta dos poemas

³ A este respeito veja-se o seu texto “Da tradução como criação e como crítica”, de 1962, que devora ele mesmo o pensamento de vários autores sobre esta triangulação entre tradução, criação e crítica.

que aparecem na revista seguindo um critério de ordem estritamente pragmática: embora muitos outros poemas pudessem servir para o mesmo efeito, considereei que estes seis de alguma maneira representam como que uma “carta de apresentação” de Nicanor Parra, da sua anti-poesia e, sobretudo, assentam todos eles numa reflexão sobre a própria escrita e aquilo que, julgo, poderíamos denominar como a ontologia poética do autor. De resto, foi também esse o motivo que presidiu à escolha dos seus *Poemas y Antipoemas* e *Hojas de Parra* para iniciar a tradução. Como disse, a tradução desses dois livros está próxima do seu estado final, mas não sei se algum dia será de facto finalizada. Muito menos sei se os livros serão publicados. A cada dia que passa estranho mais o facto de ainda ninguém ter editado Parra em Portugal, com as honrosas excepções que já acima referi, feitas nos moldes em que foram feitas.

4- **¿Considera alguna relación entre el ejercicio de la traducción y el de la crítica?**

Considero que toda a tradução é crítica e que toda a crítica é uma tradução. A interpretação, que é talvez a primeira etapa da crítica, tem também um lugar central no processo de tradução. Claro que só se traduz para outra língua aquilo que de alguma forma se valoriza logo à partida. E até isso não está isento de invisibilidades. Por exemplo, julgo que a qualidade da obra de Parra não é propriamente discutível. Não obstante, disso não resultou ainda a sua edição em português. Há outros factores, mais complexos, que regem os sistemas editoriais e da crítica, o campo literário e até as questões de tradução. Ainda mais quando falamos de certas geografias, certos géneros e certas temáticas. Já sabemos que o global não é bem global. Por seu turno, o mercado é certamente o mercado.

Como resultado de tudo isto, acredito que seria muito importante dar a ler Parra num país onde ele é pouco conhecido mas onde os seus poemas têm algo a comunicar. Diria até que há uma certa tradição literária, por assim dizer, que o saberia acolher criticamente. É a tradição que se situa no prolongamento da poesia medieval (e barroca, também, recusando as formas românticas, portanto), pela qual Parra tem tanto afeto. Entenda-se, ainda assim, que toda a tradução é sempre uma traição da tradição. *Traduttore, traditore*. Não existe a tradução pura como não existe a crítica pura. Porque não existe escrita pura e toda a tradução e crítica são também escrita. Partimos sempre de algum ponto particular, é sempre específico o nosso ponto de chegada, enleamo-nos sempre nos fios e nós que ocupam a distância de um ponto a outro. E o corpo do tradutor está presente no tempo e no espaço em todos esses momentos.

Dito por outras palavras, palavras de outros, tenho dificuldades em acreditar na suposta transparência do tradutor. Lawrence Venuti escreveu muito sobre isto e muitos têm escrito sobre o que escreveu. Mais do que uma transparência, é, na verdade, de uma trans-aparência que se fala. Isto é, a tradução aparenta ser um processo transparente, quando, em rigor, é um complexo processo de produção de aparências. Esta opacidade indesejada (o mito da tradução diz que o novo texto gerado deve ser fluente – em termos linguísticos mas também culturais), aplanar a diferença, em busca de uma suposta repetição do contexto de partida no novo contexto. Veja-se os árbitros de futebol. Também se diz que a sua função é serem transparentes, no sentido de isentos, e, de vez em quando, levam boladas que até dói só de ver. Porque eles estão lá. Ou vão de encontro aos jogadores quando correm de costas em alta velocidade, uma manobra que só os árbitros sabem fazer. A tradução, a meu ver, é um processo absolutamente radical: é uma produção de diferenças na repetição, ou, se quisermos, uma produção de repetições na diferença. (Com isto que digo me repito na diferenciação ou me diferencio na repetição. Canibalizo Benjamin, Derrida, Deleuze e Guattari. Tudo é um jogo de palavras. Com sentido de humor e com humor sentido. Parra deixou isso muito claro.)

5- ¿Hubo decisiones de traducción a resolver en las versiones? ¿Desde qué idea de traducción, en todo caso, ha trabajado?

Têm sido muitas as decisões e as indecisões. E também as cisões. Acredito que é esse o papel principal do tradutor: arriscar. Para as possibilidades de significação em aberto diante de uma palavra, escolher uma em lugar de outra é sempre decidir por um dado percurso em detrimento de outro, sendo que todos permanecem ali em aberto enquanto possibilidade, como no jardim dos caminhos que se bifurcam, de Borges. Nem sequer se trata aqui, a meu ver, de uma questão de tomar a decisão certa ou errada. Claro que há escolhas profundamente certas, que se revelam de forma quase mágica na leitura enquanto possibilidades carregadas de sentido, e escolhas profundamente erradas, que nenhum tradutor está livre de cometer. Traduzir é arriscar também por isso. Traduzir Parra tem sido um trabalho arriscado e moroso. Venho-o desenvolvendo demoradamente, com períodos muito intensos de trabalho entrecruzados por grandes interregnos. Isto pelo menos desde 2012. Claro que há vários fatores que contribuem para que assim seja, mas um deles é precisamente a necessidade de uma *leitura* lenta e de uma *escrita* lenta, entendendo a tradução ela mesma como uma



escrileitura, no conceito do poeta e teórico português Pedro Barbosa. Uma das resistências (e riquezas) que a poesia de Parra apresenta à tradução advém daquilo que, à partida, poderia ser uma das suas facilidades. Refiro-me ao facto de a sua poesia ser marcadamente coloquial. Expressões populares, idiomatismos e outras expressividades culturais fundamentais na poesia de Parra desafiam a transposição para um enunciado noutra língua e uma recepção noutra cultura. Traduzir é aqui trabalhar sob o perigo eminente da violência etnocêntrica (Venuti). Nesse sentido, a sua poesia poder ser vista como um caso particularmente provocativo da ideia da tradução como translação. Traduzir é sempre transpor, isto é, carregar palavras de uma língua para a outra, de uma cultura de partida para uma cultura de chegada. Contudo, a este propósito, não resisto a citar uma passagem preciosa do seminal ensaio “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin: “Da mesma forma como os cacos de um vaso, para serem recompostos, devem encaixar-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso.”

Considero, pelo que já disse atrás (e que se relaciona intimamente com o ensaio de Benjamin), que a obra de Parra reinventa a pergunta eterna da tradução: tradução como reprodução de contextos ou tradução como produção de contextos? Ou, reformulando o enunciado, poderíamos até perguntar: tradução como (re)produção de co(n)textos? Afasto-me, contudo, de uma ideia que hoje se vê muito que é a conceção do poema traduzido como uma “versão”. Todas as traduções são versões, não é preciso explicitá-lo, seria tautológico. Em jeito de resumo, gostaria de dizer que acredito firmemente que o que melhor serve a anti-poesia de Nicanor Parra é mesmo uma anti-tradução.

6- Para finalizar, ¿qué noción de geografía poética abriría la traducción de los poemas de Parra u otros poetas latinoamericanos?

No meu entendimento, a tradução dos poemas de Nicanor Parra para português (e para outras línguas) abriria uma geografia do humano. O verbo é mesmo esse, abrir. Se é imprescindível, hoje, pensar em relação, dialogar, chegar a um entendimento comum, aferir as afinidades e particularidades pela leitura comparativa das poéticas do mundo em que



vivemos (pensar o denominado Sul Global, por exemplo), virar a nossa perspectiva para a obra de Parra, em particular, revela-se, como dizia, uma leitura da escrita da experiência humana, do sujeito mergulhado na sua ecologia – social e natural. Toda a obra de Parra comunica sobre isto. Fá-lo de uma forma mais direta e particularizada nos seus eco-poemas, que acho têm ainda muito por dizer. O mundo precisa de mudar primeiro para entender depois aqueles versos.